



Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq
ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

Vol. 16, número 1, jan-jun, 2023, pág. 91-111

O abuso sexual na infância e adolescência, a corporeidade

silenciada: relato de experiência no plantão psicológico

Sexual abuse in childhood and adolescence, silenced corporeity:

report of experience in psychological duty

Janderson Costa Meira

Ewerton Helder Bentes de Castro

Resumo

A violência, considerada um fenômeno crescente que incide de forma direta e indireta nos distintos domínios da convivência social, tem sido um tema constante no cenário dos debates acerca dos fenômenos sociais. Nesse contexto, a violência sexual contra a criança e o adolescente é uma das temáticas que surgem no cenário contemporâneo. Reconhecer a pluridimensionalidade da vivência é fundamental para que possamos auxiliar essas pessoas. O objetivo deste estudo é apresentar um estudo de caso realizado no plantão psicológico em uma escola pública na cidade de Manaus e compreender a dimensão do vivido a partir de conceitos de Merleau-Ponty. É um estudo sob o viés qualitativo em que para a análise das falas foi realizada a adequação aos pressupostos do método fenomenológico-psicológico de pesquisa em psicologia. Participou uma adolescente do 2º ano do ensino médio de uma escola pública em Manaus, acompanhada pelo plantão psicológico. Vários elementos foram trazidos em sua fala que caracterizam a dimensão de dor e sofrimento desde o primeiro abuso sofrido, ainda na infância, e como foi o abuso sexual continuou sendo perpetrado na adolescência. Conclui-se que a atividade desenvolvida no plantão psicológico possibilitou um redimensionamento do pensamento sobre si mesmo no sentido de que, foi a partir daí que resolveu realizar a denúncia que culminou no afastamento do abusador atual, seu irmão.

Palavras-chave: Abuso sexual, corporeidade, psicologia fenomenológico-existencial.



Abstract

Violence, considered a growing phenomenon that affects directly and indirectly in the different domains of social coexistence, has been a constant theme in the scenario of debates about social phenomena. In this context, sexual violence against children and adolescents is one of the themes that arise in the contemporary scenario. Recognizing the pluridimensionality of the experience is essential so that we can help these people. The objective of this study is to present a case study carried out in the psychological shift in a public school in the city of Manaus and to understand the dimension of the experience based on Merleau-Ponty's concepts. It is a study under the qualitative bias in which, for the analysis of the speeches, the adaptation to the assumptions of the phenomenological-psychological method of research in psychology was carried out. A teenager from the 2nd year of high school at a public school in Manaus participated, accompanied by the psychological shift. Several elements were brought up in her speech that characterize the dimension of pain and suffering since the first abuse suffered, still in childhood, and how the sexual abuse continued to be perpetrated in adolescence. It is concluded that the activity developed in the psychological duty allowed a re-dimensioning of the thought about himself in the sense that, it was from there that he decided to carry out the complaint that culminated in the removal of the current abuser, his brother.

Keywords: Sexual abuse, corporeity, phenomenological-existential psychology.

Introdução

A violência, considerada um fenômeno crescente que incide de forma direta e indireta nos distintos domínios da convivência social, tem sido um tema constante no cenário dos debates acerca dos fenômenos sociais. É um dos eternos problemas da teoria social e da prática política e relacional da humanidade e não pode ser apenas caracterizada pela agressão física, mas também pelas violências sexual e psicológica, incluindo agressões verbais, e humilhações, afetando a autoestima e a capacidade de reação e decisão da pessoa agredida (Castro, 2021). Nesse contexto, a violência sexual contra a criança e o adolescente é uma das temáticas que surgem no cenário contemporâneo.



Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq
ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

Compreendendo a adolescência e o adolescer

O que seria adolescência? Adolescer? A origem do termo vem do latim *adolescencia*, período compreendido entre a infância e a fase

adulta. Para a Organização Mundial da Saúde a adolescência está dividida em duas fases: a) pré-adolescência (10-14 anos), Adolescência (14-19 anos). No Brasil, esta fase está compreendida entre 12 a 18 anos, sendo essa a faixa etária utilizada para a elaboração de programas e ações relativos ao adolescer (Brasil, 1990).

Contudo, é o século XX que se configura como “século dos adolescentes”, no qual intensificam-se as reflexões a respeito dessa fase da vida. Dentre estes, encontram-se as pesquisas do americano G. Stanley Hall. Segundo Berni e Roso (2014, p. 130-131) “Stanley Hall também foi identificado como o primeiro psicólogo a descrever a adolescência como um estágio especial do desenvolvimento humano, marcado por tormentos e conturbações vinculadas à emergência da sexualidade, o que antes era ignorado”.

O conceito de adolescência não expressa apenas transformações orgânicas, mas diz respeito também a todo o processo de mudança e adaptação psicológica, familiar e social inerentes à essas transformações.

Na menina, o desenvolvimento físico é mais adiantado, uma vez que, em média, entra na puberdade de 12 a 18 meses mais cedo que o menino. O que poderia ser o mais importante nessa fase? Diríamos que a aceitação social. Assim, ter um círculo de amigos é fundamental. Contudo, outro aspecto é necessário ser levado em consideração, o isolamento. Quando este isolar-se é em decorrência de mudança na família, inibição social, deficiência física ou não cumprimento de



Revista AMAzônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq
ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

normas relativas à atração social, pode resultar em depressão ou mesmo suicídio.

Um sem número de situações durante a adolescência originam interferências e inquietações. Uma delas, a violência doméstica, consolidada sob vários aspectos. E um destes é a violência sexual e o estupro realizado por pessoas muito próximas da vítima.

Castro (2021) revela que a violência sexual contra a mulher é um dos fatores de maior incidência na contemporaneidade. A concretização da violência, o ato em si, é vivenciado sob os mais diversos matizes e levado à efeito por desconhecidos ou por pessoas muito próximas. Se torna necessário considerarmos as várias dimensões do existir que sofrem alto grau de interferência quando ocorre algo dessa natureza.

Justino *et al* (2011) revelam em seu estudo que embora a manifestação da violência sexual contra adolescentes estão presentes em todas as classes sociais e em todos os países do mundo, é um evento frequentemente silenciado. Observa-se isso no que tange ao fato de as vítimas deixarem de buscar quaisquer acompanhamentos, por temor a represálias, o preconceito e o segredo, fatores correlacionados a dificuldade de relato dos fatos, principalmente no que diz respeito a adolescentes. Sabe-se, ainda por esse estudo, que a maioria dos casos de abuso sexual se dá na família, provocadas por pessoas muito próximas, repetidas vezes, sem evidências físicas, o que leva o adolescente, como no caso em questão aqui apresentado “a me sentir envergonhada, com medo, com raiva e humilhada” (sic).

A violência sexual pode variar desde atos que envolvam contato sexual com ou sem penetração genital, anal ou oral a atos que não há contato sexual, por exemplo no voyeurismo, exibicionismo, práticas de carícias e manipulação da genitália, mama ou ânus.



Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq
ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

Contemporaneamente reconhecida como grave problema de saúde pública dada a magnitude e amplitude dos casos. Entretanto, devido a falta de denúncias, ainda não existe estimativa precisa do número de casos. Essa situação apresenta risco significativo à saúde, especificamente dos adolescentes.

Contudo, há casos como o que aqui será apresentado, em que essa violência vem sendo sofrida desde a infância e continua até a adolescência. E esse fato é desencadeador de sofrimento contínuo e, especificamente, de culpabilização e negligência familiar. Toda essa vivência foi trazida no plantão psicológico que será apresentado a partir deste momento.

Plantão psicológico: possibilidades de compreensão do vivido!

No ano de 1969, Lea Rosemberg inaugura um novo momento na Psicologia brasileira, o Plantão psicológico no Instituto de Psicologia da USP. Proposta de atendimento cujo o objetivo foi o oferecimento de atendimento diferenciado à quem procurava o serviço de aconselhamento psicológico da instituição, tornando-se, dessa forma, uma alternativa às longas filas de espera que caracterizavam a procura por atendimento na área da Psicologia (Rebouças, Dutra, 2010).

O atendimento considerava a prática dos pressupostos elaborados por Carl Rogers, o idealizador da Psicologia Humanista americana. A proposta de Rogers, inicialmente, esteve ligada ao exame de personalidade utilizando para isso os testes psicológicos. Entretanto, este autor questiona o modus operandii do que estava sendo realizado e direciona seu olhar para a pessoa, não mais para o problema que ela trazia e nisso, muda a perspectiva, tornam-se o centro do processo o ser humano e a relação. É dada mais importância ao processo que ao resultado.



Revista AMAzônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq
ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

Podemos considerar que para o humanista Rogers se tornaria necessário, à prática da psicologia, redimensionar o fazer até àquele momento vivenciado nas instituições formadoras e entre os profissionais. Pressupunha ênfase na possibilidade da relação de ajuda em vez da técnica única e exclusivamente.

A perspectiva rogeriana culmina no fazer profissional em Psicologia, onde a experiência do cliente e do plantonista, ou seja a relação, deve ser vivida por este último com fatores até então desconsiderados, quais sejam: fazer-se presente, continente junto a esse outro, estar disposto à escuta e ao acolhimento e, fator imprescindível, mostrar-se disponível para além de julgamentos, preconceitos e concepções arraigadas e manifestas sob o viés de “leitura teórica” e conseqüente “normalização” do sofrimento humano.

O Plantão Psicológico nas escolas públicas é uma modalidade que podemos considerar alternativa de atendimento psicológico, cujo caráter é ser breve e individual que objetiva, de uma até 5 sessões, orientar e auxiliar o adolescente na resolução de dificuldades pelas quais está passando, emergenciais e que nem sempre precisam de acompanhamento prolongado.

O termo plantão designa um serviço em que, os profissionais ali alocados, se mantêm em disponibilidade para as pessoas que necessitem em períodos de tempo previamente determinados e ininterruptos. Desse modo, a origem é francesa – *planton*, cujo significado é um soldado permanecendo fixo ou em pé em algum lugar, em alerta contínuo. Existe ainda o termo oriundo do latim *plantare* que significa introduzir determinado vegetal na terra com o objetivo de criar raízes, ou seja, ficar parado, estacionado. É, a meu ver, estar em disponibilidade para com esse outro que precisa de acolhimento, escuta e cuidado.



Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq
ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

Alguns autores têm trazido experiências com o Plantão Psicológico em nosso país. Dentre estes encontramos Bezerra (2014), Rebouças & Dutra (2010), Doescher & Lima (2012), Paparelli & Nogueira-Martins (2007), Rocha (2011).

Bezerra (2014) apresenta em seu estudo sobre o Plantão Psicológico uma perspectiva em que encaminha que precisamos considerar alguns aspectos que pressupõe como fundamentais: a) disponibilidade incondicional para o atendimento por parte do plantonista; b) escuta esclarecedora e facilitadora; c) desdobramentos do processo de encontro que tem sua potência exatamente por, a partir daí, o adolescente conseguir compreender que nele residem as estratégias de enfrentamento da situação vivenciada.

Após essa breve explanação acerca do Plantão Psicológico, será apresentada a teoria que servirá de base para a análise das falas da participante e que constitui o cerne deste estudo.

A fenomenologia de Merleau-Ponty

Maurice Merleau-ponty, filósofo francês, (1908-1961) adotou a proposta de Edmund Husserl para desenvolver os seus estudos. Para esse autor, é através da própria experiência, singular, que se conhece o mundo. É assim, o mundo da vida a base da sua teoria.

O filósofo da percepção, por nós assim nomeado, assume em sua teoria o desafio de elaborar uma fenomenologia que recoloca as essências na existência, no sentido de compreender o ser humano a partir de sua facticidade, visando a experiência e “reencontrar esse contato ingênuo com o mundo” (Merleau-Ponty, 2011, p. 1) e, dessa forma, descrever nossa experiência no mundo ao qual como diz Alvim (2015, p. 25) “não somos passivos, mas que habitamos como um



Revista AMAzônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq
ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

espaço de experiência, uma espécie de campo ou situação ao qual ambos pertencemos”.

Contraria a compreensão da fisiologia mecanicista ao discutir movimentos reflexos que em sua concepção não são processos cegos que respondem a estímulos, mas são processos que correspondem a um sentido da situação referindo-se “a uma presença global da situação que dá um sentido aos estímulos parciais e que os faz contar, valer ou existir para o organismo” (Merleau-Ponty, 2011, p. 118). A processualidade perceptiva se produz em situação.

Em *A prosa do mundo*, Merleau -Ponty (2014) o reflexo do que vemos não atravessa apenas a retina. O sentir do corpo se expressa, dessa maneira, para além da matéria; é uma expressão que comove, no dizer de Freitas & Castro (2019, p. 71) “como uma apresentação de balé – talvez por isso o conjunto de dançarinos integrantes do balé se chame de corpo”.

O sentido constrói-se a partir do corpo relacional, em um mundo vivido compartilhado, que se deixa envolver e é envolvido em suas linguagens expressivas e se coadunam em uma percepção compreensiva e dialógica” (Merleau-Ponty, 2014).

Na Fenomenologia da Percepção o autor coloca nosso corpo na posição de origem da correlação ser humano-mundo. Abandona a concepção de corpo objeto até então engendrado pela ciência positivista e busca o corpo da experiência atual, dada no mundo. Afinal “ter um corpo é juntar-se a um meio definido, confundir-se com certos projetos e empenhar-se continuamente neles” (p. 122).

O pensamento do filósofo francês recoloca como centro de toda sensação e percepção o corpo, e conseqüentemente, concebido como o elemento fundamental de toda processualidade do existir. O corpo que designa, enquanto constituinte fundamental do ser humano



Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq
ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

enquanto ser no mundo. Tendo em vista que, dois aspectos devem ser considerados no que tange ao corpo, o corpo atual e o corpo habitual.

O corpo atual é o que realiza o movimento em direção ao mundo, a partir de uma experiência instantânea, presente, singular, plena e, desse modo, pessoal, única.

O corpo habitual, por sua vez, é o que formulou o conhecimento a partir de sua motricidade, um saber motor do corpo, segundo Alvim (2015, p. 26)

“que é uma espécie de fiador do corpo atual, um costumeiro, passado do corpo que suscita intenções habituais, algo que já experienciei, mas que já deixou de ter referência para mim, agora, é aquilo que se tornou generalidade, ser impessoal (manejável em si).”

Desse modo, é uma forma que não é mais conectada com o presente. Assim, o hábito é generalidade, impessoal e ao redor do ser humano, no nosso mundo pessoal (humano) que cada um de nós se fez, surge, dessa forma, um mundo em geral, uma forma geral do mundo, um mundo não pessoal.

Um dos constructos que Merleau-Ponty (2011) traz, diz respeito a escapo, ou seja, a capacidade que o ser humano tem de dar um novo sentido ou a uma situação histórica recebida, inventando um futuro. Assim, a cada experiência consigo atribuir sentido novo ao que estou vivenciando.

Diante do exposto, cumpre ressaltar que Merleau-Ponty aponta como sendo de extrema importância considerarmos a pluridimensionalidade da vivência do corpo nas mais variadas situações do nosso cotidiano, o que implica em considerar a corporeidade como fundamento.



Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq
ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

Outro construto desse autor é quando compreende a percepção do corpo de outrem como um encontro de intercorporal no sentido de que os corpos humanos se constituem, um conjunto, um grande sistema, verso e reverso de um único fenômeno, ou seja, a intercorporeidade.

O objetivo deste trabalho é apresentar um estudo de caso realizado no plantão psicológico em uma escola pública na cidade de Manaus e compreender a dimensão do vivido a partir de conceitos de Merleau-Ponty.

Método

O presente estudo teve como viés o aspecto qualitativo em pesquisa que, de acordo com Minayo (2015) corresponde a aspectos muito particulares, preocupando-se com um nível de realidade que não pode ser quantificado, ou seja, trabalha com um universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, associando-se ao espaço profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem reduzidos a uma interação de variáveis. A abordagem qualitativa imerge no mundo de significados e de relações humanas, tendo como objetivo central a compreensão da realidade humana, detentora de crenças, valores, atitudes e hábitos. O significado seria o conceito central desse tipo de estudo, trabalhando vivências, experiências e a cotidianidade (Minayo, 2015; Giorgi & Souza, 2010).

O estudo de caso, por sua vez, nos permite aprofundar em nuances e detalhes da situação-foco (Castro, 2019).

Participante: adolescente de 15 anos, gênero feminino, 2o ano do Ensino Médio, raça branca, cabelos tingidos, estatura mediana e trouxe como demanda ter sofrido abuso sexual inicialmente por parte de seu



Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq
ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

avô, em seguida, pelo irmão da madrasta e ultimamente a ação foi cometida por seu irmão consanguíneo mais velho.

Periodicidade: 5 encontros

Local: Biblioteca escolar destinada pela gestão escolar para essa finalidade tendo em vista poder ser isolada

Turno: Matutino

Análise dos dados: Os pesquisadores optaram por apresentar algumas falas da adolescente coletadas durante o atendimento, o que resultou em uma adaptação do método proposto por Giorgi & Souza (2010) e Pereira & Castro (2019), no sentido de que as falas mais significativas seriam utilizadas como Unidades de Significado (2º passo do método proposto). Em seguida, caracterizamos o 3º passo que é a transformação das Unidades de Significado em uma perspectiva psicológica, o que equivale ao que esse outro está querendo me dizer naquilo que diz? O que consubstancia sua fala? O que trouxe sua linguagem?

Logo em seguida foi realizada a imbricação das falas identificadas com a perspectiva teórica de Maurice Merleau-Ponty.

Resultados e Discussão

J., 15 anos, está matriculada no 2º ano do Ensino Médio, pais separados, mora com mãe, padrasto, irmão mais velho e irmã mais nova. Chegou ao plantão psicológico para acompanhar sua amiga que estava passando por dificuldades na relação afetivo-sexual.

Estava trajada com a farda do colégio, usa óculos, inseriu piercing no nariz e nos lábios, cabelos tingidos uma parte na cor vermelha, usava tiara e, enquanto sua colega estava sendo atendida por um dos plantonistas, observou-se que J estava profundamente



inquieta, mexendo muito as mãos e emocionada com o que estava sendo dito pela colega.

Após o término do aconselhamento com a colega, J foi questionada pela mesma se não gostaria de participar. Titubeante, inicialmente, respirou profundamente e iniciou sua fala.

Relata que desde muito cedo, mais ou menos 8 anos, ficava com o avô para que os pais pudessem trabalhar. Nesse ínterim

Ele (o avô) me colocava no colo e passava a mão em minhas partes íntimas [...] até os 10 anos mais ou menos” (J., **aconselhamento realizado em maio, 2022**)

Sua fala é entrecortada por pausas, a respiração fica acelerada e a emoção torna a voz muito embargada. Nesse momento, um dos plantonistas pede que faça um exercício de respiração, o que é feito e em seguida, quando dito: no seu tempo, J reinicia sua história.

Ao completar 10 anos, esse avô

Disse que me daria um presente [...,...] ele me penetrou [choro compulsivo) (J., **aconselhamento realizado em maio, 2022**)

Momento de muita comoção, seu choro compulsivo é cortado por soluços contínuos e impedimento do falar. Mais uma vez, os plantonistas intervieram para que pudesse acalmar, foi dado um espaço de tempo até que a mesma se sentisse em condições de continuar.

Perguntado se havia conversado com alguém sobre o ocorrido, J, revela que ao comentar com a mãe resultou em invalidação de seu discurso, contribuindo ainda mais para o ensimesmamento e isolamento:

Eu falei [...] ninguém acreditou [...] passei de mentirosa [choro]. Pra quê falar se não acreditam em mim? Fiquei para mim, fico pra mim e por ter passado 5 anos agora é que ninguém vai acreditar, fico na minha [choro] (J., **aconselhamento realizado em maio, 2022**)



Revista AMAzônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq
ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

Perguntada como se sentiu diante de tudo isso, J. afirmou que se sentiu

“péssima, pois a mágoa por minha mãe não acreditar em mim foi mais doída que o que ele fez comigo. Mas, ela nunca acredita em mim, prefere ele [o irmão mais velho]. Foi sempre assim, é assim ainda hoje (**J., aconselhamento realizado em maio, 2022**)

O choro compulsivo mostra a dimensão da dor e do sofrimento presentes na vida da adolescente. Ficou algum tempo chorando e depois disse que estava preparada para continuar.

Após esse fato, a mãe a mandou para a casa do pai biológico. Mandada de retorno à casa do pai – casado novamente – passa a conviver com o irmão da madrasta que, desde o primeiro momento em que a viu passou a assediar a menina, então com 12 anos e, em determinado momento, passa a abusar sexualmente dela, impedindo-a de falar e que “não poderia falar porque já sabia como era”: Sofrendo contínuas ameaças dessa natureza e sem ter a quem recorrer por se sentir desacreditada pela mãe e ameaçada pelo adolescente, J revela

Ele [o irmão da madrasta] abusou várias vezes de mim. Ele me forçou a ter relações com ele. E ainda dizia que se eu contasse, ele me batia (**J., aconselhamento realizado em maio, 2022**)

Mesmo com medo, mesmo sob a ameaça, resolveu contar para sua madrasta que, semelhante à mãe de J.

Fui falar e ela [a madrasta] não acreditou e ainda disse que era coisa da minha cabeça. Adianta dizer alguma coisa? Simplesmente não acreditam em mim. E ainda disse mais: também com essas roupas que tu usa, esses shortinhos que aparecem a banda da bunda, você fica se oferecendo, ele é homem, tá no direito dele de reagir, então tu não pode nem reclamar (**J., aconselhamento realizado em maio, 2022**)



Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq
ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

A dimensão de uma cultura constitutivamente machista e na qual a mulher não pode ser ela mesma, mesmo no ato de vestir-se, mostra o nicho familiar de J e o que teve de silenciar pois estava sempre errada. O pai, por sua vez, dado o tempo de distanciamento dessa filha, acolheu a fala da madrasta e assevera que a adolescente estava errada e não poderia sair por aí caluniando ninguém. J foi duplamente cerceada em seu direito de fala.

Esse fato tornou a permanência de J na casa de seu pai insustentável e, mais uma vez, se vê encaminhada para a casa da mãe biológica. Ao retornar, J. vivencia outras situações. Seu irmão mais velho, filho de um relacionamento anterior dessa mãe com alguém que hoje ocupa um alto cargo a nível governamental e na jurisprudência, passa a desferir contra a adolescente, neste momento com 13 anos de idade, a exacerbação de um sentimento mesclado por ciúmes, desprezo, desejo e ódio.

Dessa forma, conjugada à violência sexual alia-se a violência física por parte de esse irmão. Desferia seu ódio e desprezo incitando a mãe a bater na irmã porque a mesma usava roupa muito curta e saía de casa como se fosse prostituta, na concepção dele.

J começa a namorar e isso desperta ainda mais a ira de seu irmão que, continuamente, passa a agredi-la. Sai das palavras para o ato. E várias vezes a espanca, deixando-a com hematomas e a culpabiliza por tudo o que está acontecendo. Em certo dia, quando sozinhos e J está cuidando de sua irmã caçula, o irmão investe violentamente contra ela e a estupra após aplicar vários golpes (tapas, socos, etc). Precisamos especificar que esse irmão não trabalha, fica continuamente trancado no quarto e só sai para a academia. E quando J falava que iria denunciar, recebia como resposta:



Revista AMAzônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq
ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

Pode ir. Quem vai acreditar em você? A mãe? Ela não acredita em uma palavra do que tu diz. Tu não presta. Tu és uma prostitutazinha qualquer que vive aí com os moleques ou tu pensa que não sei. E outra coisa, meu pai é desembargador e o que chegar lá na polícia, lá fica porque ele sempre deu jeito de nada acontecer comigo. Por isso é legal ter pai que tem poder e dinheiro, nada pega!

Ao informar o que ocorrera, a mãe retruca

Seu irmão jamais faria isso [...] você está mentindo. Deve ter sido na rua, olha como você se veste, como se fosse p. (**J., aconselhamento realizado em maio, 2022**)

Percebemos, mais uma vez, a mãe protegendo o filho e lançando a menina no viés da culpabilização, da responsabilização de que o ato do outro fora provocado por ela, por suas roupas.

J. aparece grávida. E o inferno em sua vida piora um pouco mais. O irmão, ensandecido por ciúmes ataca a adolescente, agride-a de tal forma que, em um chute desferido contra sua barriga, o sangramento inicia e ela caminha ao aborto. Mas, uma vez mais, nada pode ser dito. Como disse sua mãe nesse momento:

Você jamais pode ousar em falar nada disso com quem quer que seja. Você tem que lembrar que somos uma família. A família não pode ser prejudicada por qualquer capricho seu. Lembra bem, J, nada pode sair daqui. Precisamos manter nossa família. Deus não perdoa quem ataca sua própria família. Aí eu me calei, não iria causar prejuízo a minha família. Bem ou mal, é o que tenho. (**J., aconselhamento realizado em maio, 2022**)

Nesse ínterim, contudo, um fator de apoio surge na vida de J., o padrasto. Este homem toma para si a responsabilidade de cuidar da adolescente a partir do momento em que percebe o movimento de seu



Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq
ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

irmão que, diante da atitude do marido da mãe, tenta agredi-lo e, enfrentando-o, aponta um carro da polícia que ia passando próximo e o jovem mais uma vez fala que nada o irá atingir por que seu pai está etem poder. A partir daí, J. se sente amparada e continua sua vida de cuidar da irmã menor a quem chama de princesa, a estudar e a querer atingir seu sonho: ser policial!

Os encontros com J. conforme foram sendo efetivados, a adolescente iniciou a modificação do próprio existir. Quando informada que esse tipo de crime é imprescritível e inafiançável foi perceptível a mudança em sua postura. Conhecer esse aspecto possibilitou a J., auxiliada pelo padrasto, realizar a denúncia da violência cometida pelo irmão, mesmo com a agressividade materna direcionada a ela. O violador foi afastado de seu convívio e o processo corre em segredo de justiça.

Castro (2021) revela em seu estudo sobre violência contra a mulher que um ato dessa natureza imprime, na vítima, profundo pesar, desconforto relacional de todos os matizes, mágoa e, sem dúvida, o mais preocupante de todos, o que nossa participante trouxe no atendimento, a culpa pela ocorrência do evento.

A violência é impetrada por pessoas muito próximas, significativas e, como nos relatam a maioria dos autores, acima de qualquer suspeita (Castro, 2021; Clark *et al.*, 2019; Femi-Ajao *et al.*, 2018; Field *et al.*, 2018; Javalkar *et al.*, 2019) produzindo, dessa forma, insegurança e um olhar sobre si mesma distorcido a partir do ocorrido (Castro, 2021^a). O corpo próprio (Merleau-Ponty, 2011), o corpo que é meu, o corpo que sou eu é o que sofre, o que é castigado, penalizado.

Movimento presente no relato é a desconfiança sobre o dito pela adolescente por parte de pessoas significativas, tendo seu discurso continuamente invalidado. A consequência, foi sentir-se lançada no



Revista AMAzônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq
ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

desamparo, na desesperança, culminando em culpar o próprio corpo pelo ocorrido. Eis o que designamos *corporeidade silenciada*¹.

Aspecto presente neste relato diz respeito à questão da liberdade. Se nosso corpo atual é liberdade, imbricado com o mundo, temos o poder de dar mundo, fazer uma síntese prática ou de horizontes, que, ainda que seja sob o viés da presunção, ou seja, presuntiva, opera com alguma precisão na presença imediata dos objetos, da substancialidade do mundo. J. ao se perceber compreendida e amparada pelo padrasto e o que foi trabalhado nos atendimentos do plantão psicológico, toma para si a responsabilidade pela denúncia, vai além dos manifestos maternos e vivencia o escape, dá novo sentido a si mesma, a seu corpo que deixa de ser o errado para ser o seu corpo. Sua corporeidade deixa de ser silenciada.

O corpo habitual de J., generalizado como o que não presta, o que seduz, o que se prostitui e por isso deve ser conduzido pelo outro com quem convive sob o viés da opressão, da violência doméstica ou sexual, ou ambas, com o plantão psicológico é subtraído de sua generalidade, é dada uma dimensão pessoal, é transformado. J retoma para si a responsabilidade pelo existir nessa situação em que foi lançada, a errada, e reconfigura sua existência a partir de novos arranjos que instituem novas formas. Sua vida é apreendida como diz Castro (2021) como movimento.

Dado o exposto e concordando com Merleau-Ponty em A estrutura do Comportamento, as relações de J com o mundo, a partir do momento em que se lança em busca de ser ela mesma é o que o autor nos conclama a refletir. Afinal somos situados, matéria, vida e espírito entrelaçados com o mundo físico, sócio-cultural e histórico.

¹ Denominação criada por Castro (2021) a partir da teoria de Maurice Merleau-Ponty



Considerações finais

As relações de J., no que tange à sexualidade, são confrontadas e distorcidas a partir da ação do outro que abominavelmente utiliza, inicialmente seu avô, da condição de cuidador para impetrar a violência sexual.

Em seguida, diante de mais abusos, não conta com o apoio daquela que é sua figura mais significativa, sua mãe que, pelo contrário, mantém a situação no mesmo nicho de agressividade, impedindo que a adolescente consiga dizer, falar o que está ocorrendo e, com isso, ir em busca de ajuda necessária para o enfrentamento da situação.

O plantão psicológico possibilitou a expressividade do sentir, do perceber, do ser-si-mesma, de suas possibilidades. A adolescente apropriou-se de si mesma, sua história e conseguiu ir além do que estava sendo imposto de modo cruel. Tomou para si a responsabilidade, observou suas estratégias de enfrentamento e realizou a denúncia, afastando definitivamente o abusador.

Dentre as dimensões presentes na atividade do plantão psicológico compreendemos que, a *pari passu*, foi possibilitado a J., emergir da situação em que se encontrava (estar continuamente errada) para priorizar-se, atribuir novo sentido a si mesma, realizar suas escolhas e decisões, dentre estas deixar a prática da autolesão e implementar estratégias de enfrentamento às facticidades cotidianas.

Referências

Alvim, Monica Botelho; Castro, Fernando Gastal de (2015). O que define uma clínica de situações contemporâneas? Apontamentos a partir de J.P. Sartre e M. Merleau-Ponty. In: Alvim, Monica Botelho (Org.) (2015) *Clínica de situações contemporâneas: fenomenologia e interdisciplinaridade* – Juruá p. 15-50.



Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq
ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

- Berni, V. L. & Roso, A. (2014). A adolescência na perspectiva da psicologia social crítica. *Psicologia & Sociedade*, 26(1), 126-136.
- Bezerra, Edson do Nascimento. (2014). Plantão psicológico como modalidade de atendimento em Psicologia Escolar: limites e possibilidades. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, 14(1), 129-143.
- Brasil. Ministério da Justiça (1990) Lei N° 8.069 de 13 de julho de 1990 – *Estatuto da Criança e do Adolescente*. Brasília : Ministério da Justiça
- Castro, Ewerton Helder Bentes de (2021) Violência sexual contra a mulher: diálogo fenomenológico *Quaderns de Psicologia*, v. 23, n 1, e 1633, <https://doi.org/10.665/rev/qpsicologia.1633>
- Castro, Ewerton Helder Bentes de (2021^a) Suicídio, autolesão, relações, fatores contemporâneos: a vivência do desamparo sob o viés da Fenomenologia e a clínica dos três olhares In: Castro, Ewerton Helder Bentes de (2021) *Perspectivas em Psicologia Fenomenológico-Existencial: fazeres, saberes e possibilidades* – Editora Dialética, p. 309-330
- Clark, Cari Jo. *et al.* (2019) Mixed methods as-sessment of women’s risk of intimate partner violence in Nepal. *BMC Womens Health*, 19(1), 20- 28, <https://doi.org/10.1186/s12905-019-0715-4>
- Doescher, Andréa Marques Leão; Henriques, Wilma Magaldi. (2012) *Plantão psicológico: um encontro com o outro na urgência*. *Psicologia em Estudo*, 17(4): 717-723, out.-dez.
- Femi-Ajao, Omolade. (2018) Intimate partner violence and abuse against Nigerian women resident in England, UK: a cross- sectional qualitative study. *BMC Women’s Health*, 18, 123, <https://doi.org/10.1186/s12905-018-0610-4>
- Field, Sally *et al.* (2018) Do-mestic and intimate partner violence among pregnant women in a low resource set-ting in South Africa: a facility-based, mixed methods study. *BMC Women’s Health*, 18, 119, <https://doi.org/10.1186/s12905-018-0612-2>
- Giorgi, Amedeo; Sousa, Daniel. (2010) *Método Fenomenológico de Investigação em Psicologia*. Fim de século.
- Javalkar, Prakash. *et al.* (2019) What determines violence among female sex workers in an inti-mate partner relationship? Findings



Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq
ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

from North Karnataka, south India. *BMC Public Health*, 19, 350, 2019, <https://doi.org/10.1186/s12889-019-6673-9>

Justino, Lucyana Conceição Lemes et al., (2011). Violência sexual contra adolescentes: notificações nos conselhos tutelares, Campo Grande, Mato Grosso do Sul, Brasil. *Revista Gaúcha de Enfermagem*, 32(4), 781-787.

Merleau-Ponty, Maurice. (2011) *Fenomenologia da Percepção*. Tradução Carlos Alberto Ribeiro de Moura – 4ª ed. – Editora WMF Martins Fontes.

Merleau-Ponty, Maurice (2014) *A prosa do mundo*. V.12, Cosac Naify.

Minayo, Maria Cecília de Souza (2014) *S. Pesquisa Social: Teoria, método e criatividade* - 18 ed. - Vozes.

Paparelli, Rosélia Bezerra; Nogueira-Martins, Maria Cezira Fantini (2007) Psicólogos em formação: vivências e demandas em plantão psicológico. *Psicologia: ciência e profissão*, v. 27, n. 1, p. 64-79.

Pereira, Denis Guimarães; Castro, Ewerton Helder Bentes de (2019). Pesquisa fenomenológica: o método de pesquisa In: Castro, Ewerton Helder Bentes (Org.) *Práticas de pesquisa em Psicologia Fenomenológica*. Appris, p. 15-32.

Rebouças, Melina Séfora Souza, & Dutra, Elza (2010). Plantão psicológico: uma prática clínica da contemporaneidade. *Revista da Abordagem Gestáltica*, 16(1), 19-28.

Rocha, Maria Cristina (2011) Plantão psicológico e triagem: aproximações e distanciamentos. *Revista do NUFEN*, v. 3, n. 1, p. 119-134

Recebido em: 30.11.2022 Aceito em: 03.12.2022 Publicado: 01-01-2023

Autores:

Janderson Costa Meira

Gestor de Recursos Humanos pela UNIP – Manaus. Graduando em Psicologia pela Faculdade Santa Tereza. Membro do Grupo de Pesquisa



Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq
ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

em Psicologia Fenomenológico-Existencial (CNPq). Membro do Laboratório de Psicologia Fenomenológico-Existencial (LABFEN/UFAM). Plantonista do Projeto de Extensão Plantão Psicológico em escolas do sistema público de ensino em Manaus. Diretor acadêmico da Liga Acadêmica de Psicologia Fenomenológico-Existencial – LAPFE (FAPSI/UFAM). E-mail: jandersonmeiraa@gmail.com Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-9145-6465>

Ewerton Helder Bentes de Castro

Doutor em Psicologia pela FFCLRP/USP. Professor Associado da Faculdade de Psicologia/UFAM. Docente do curso de graduação e do Programa de Pós-graduação em Psicologia (FAPSI/PPGPSI/UFAM). Líder do Grupo de pesquisa de Psicologia Fenomenológico-Existencial (CNPq). Coordenador do Laboratório de Psicologia Fenomenológico-Existencial (LABFEN/UFAM). Coordenador do Projeto de Extensão Plantão psicológico em escolas do sistema de ensino público em Manaus (FAPSI/UFAM). Coordenador científico da Liga Acadêmica de Psicologia Fenomenológico-Existencial – LAPFE (FAPSI/UFAM) E-mail: ewertonhelder@gmail.com Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-2227-5278>